

Resenha: PEREIRA, Talita Vidal. *Analisando alternativas para o ensino de ciências naturais: uma abordagem pós-estruturalista*. Rio de Janeiro: Quartet/Faperj, 2012. 276 p.

Luciana Velloso¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Na obra, a autora fornece uma importante contribuição, pela profundidade e pelo zelo com o qual alinhava suas reflexões teóricas com a análise empírica que apresenta como resultado de sua incursão em uma escola municipal do Rio de Janeiro, refletindo sobre o Ensino de Ciências no ensino fundamental associado à ideia de qualidade da educação. A autora argumenta que os discursos sobre o que deve ser ensinado na escola buscam seus fundamentos em um projeto de escola moderna que, embora questionados em diferentes campos do conhecimento, ainda se articulam discursivamente e ressignificam sentidos em disputa em diferentes projetos de mundo.

Explicitando suas posições como estudiosa do campo de currículo e suas vinculações com as propostas pós-estruturalistas e pós-coloniais, Pereira prepara o terreno para a leitura das páginas que se seguem. Sua compreensão de currículo se pauta no entendimento do mesmo como “produção cultural, como espaço de enunciação” (p. 16), o que evidencia a centralidade da cultura na apreciação das dinâmicas sociais. O que se segue é um conjunto bastante organizado no qual a autora se dedica a explicitar conceitos e ideias que, embora não sejam produzidas unicamente por estudiosos do campo educacional, muito têm contribuído para pensarmos nossas produções, levando em conta a complexidade do fenômeno educacional, cujos aportes diferenciados podem possibilitar uma compreensão mais abrangente.

¹ Graduou-se em Pedagogia e História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e em Ciências Sociais pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Concluiu o Mestrado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação (Proped/UERJ) em 2010, e o Doutorado em Educação no mesmo Programa, em 2014. Desde 2009 atua como professora substituta na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Educação. E-mail: lucianavss@gmail.com

Afirmando a importância do discurso da ciência na constituição da escola moderna e tomando esses discursos como foco analítico, a autora se apropria do conceito de “recontextualização por hibridismo” para defender a tese de que, por mais que se apresente com roupagem inovadora, o discurso educacional apresenta um híbrido que traz consigo marcas identificadas com princípios conceituais do currículo escolar na modernidade e que são articuladas com os princípios conceituais produzidos com base em posicionamentos colocados em oposição a esse modelo.

No primeiro capítulo, a autora reflete sobre a “Constituição dos processos de construção da hegemonia do saber científico”, tomando como subsídios as contribuições da Teoria do Discurso (TD) de Ernesto Laclau, na qual a autora sustenta a análise das redes de significados produzidas de forma a legitimar e projetar discursos particulares como universais, mesmo que de forma contingente e provisória. São discursos que produzem realidades sociais, assim como o próprio ato de nomear produz conhecimentos em função da necessidade de poder.

Considerando a TD como uma teoria da hegemonia, a autora analisa a fixação de sentidos nos discursos científicos, fundamentais no projeto escolar da modernidade. Nesse sentido, busca identificar sentidos de um discurso cientificista nas diferentes concepções de ciência que emergem no século XX e que ressignificam sentidos, mas continuam reafirmando que o saber científico é a forma mais apropriada para o conhecimento da realidade. A autora também destaca as influências que a racionalidade científica exerce sobre as concepções de currículo e ensino e as questiona a partir de uma perspectiva de negociação cultural pautada em autores vinculados aos Estudos Culturais e pós-coloniais.

No segundo capítulo, “Discursos que produzem sentidos sobre o ensino de ciências nos anos iniciais de escolaridade”, Pereira, apoiada em seu entendimento de disciplina escolar como resultado de um processo dinâmico de construção social permeado por uma rede de relações que envolvem diferentes demandas (das comunidades científicas, políticas, econômicas etc.), opera com a abordagem do ciclo contínuo de políticas proposto por Stephen Ball para compreender a produção e a

circulação de discursos que envolvem sentidos sobre o que deveria ser o ensino de Ciências no ensino fundamental. Com essa abordagem, rompe com análises verticalizadas das propostas educacionais e dá destaque aos constantes os processos de lutas por significação e disputas de diferentes grupos para marcar posições no espaço cotidiano.

Destaca-se o minucioso trabalho desenvolvido pela autora em sua análise de trabalhos apresentados nos Encontros Nacionais de Pesquisa em Educação em Ciências, enfatizando os processos de recontextualização de discursos que articulam diferentes demandas e se hegemonomizam em torno do privilégio do saber científico, articulando a defesa de uma cultura comum, valorizando as tradições acadêmicas das disciplinas escolares e reafirmando uma concepção prescritiva de currículo. Na análise, a autora destaca a tendência dos pesquisadores de afirmar o conhecimento científico como fonte de solução para aos problemas sociais e garantia de cidadania.

Pereira identifica que os diferentes elementos articulados no discurso que pretende fixar o que é e o que deveria ser o ensino de Ciências no EF I atende ao objetivo de “identificar demandas sociais específicas da comunidade de pesquisadores analisada, as quais se articulam em uma cadeia de equivalência mais ampla em torno do significativo vazio qualidade da educação” (p. 151), conferindo a esse significativo os significados mais diversos.

No terceiro capítulo, Pereira busca “Pensar o currículo como teia de significados que ganham sentido no fazer docente”. Ela reconhece o *lócus* escolar como contexto em que ininterruptamente se produzem processos de ressignificação de sentidos e pede licença para adentrar os portões de duas escolas públicas do município do Rio de Janeiro, lançando mão de pesquisa de cunho etnográfico, que envolveu observações sistemáticas, registros em caderno de campo digital, entrevistas, pesquisa documental em *sites* da Internet e conversas informais.

A autora alerta que seu intuito não é julgar a adequação (ou não) das práticas escolares, mas buscar entender suas dinâmicas de funcionamento, repletas de situações contingenciais e perpassadas por inúmeras demandas; a autora narra seu

processo de tornar-se uma *flâneuse*, avaliando os efeitos da instauração de uma cultura da performatividade nas escolas da rede municipal do Rio de Janeiro. Seu foco de análise são projetos desenvolvidos pela secretaria com o objetivo de melhorar da qualidade do ensino oferecido às crianças.

Pereira focaliza suas atenções nas práticas das professoras Dora e Beth, que lecionam em duas instituições diferentes na mesma rede de ensino. O espaço é pouco para darmos conta da riqueza dos depoimentos que a autora apresenta, mas fica bastante presente o fato de que são duas docentes com condições distintas de trabalho, ambas atuando no quinto ano do EF, mas com visões de mundo e de educação diversificadas. Se Dora valoriza bastante os conteúdos científicos como instrumentos que possam fazer com que as crianças possam conhecer os fenômenos do mundo e o funcionamento das coisas que a cercam, numa ênfase discursiva sobre a questão disciplinar, Beth, por outro lado, embora não estando alheia às pressões pela melhoria dos índices de desempenho das crianças, desenvolve estratégias em que a organização disciplinar do currículo não tem a mesma dimensão.

O discurso sobre a ciência permanece bastante presente nas formas de pensar a escola, mas esse trabalho permite perceber que, para além das tentativas de homogeneização, são sempre tentativas que não conseguem interromper o fluxo de culturas que se entrecruzam na escola.

A leitura do livro flui e envolve, possibilitando ao leitor identificar-se com as histórias narradas pelas docentes e, nessa dinâmica, perceber como os conceitos complexos com os quais a autora opera estão bem alinhavados, permitindo estabelecer pontes com situações que experimentamos em nossas vivências cotidianas.

Com isso, a autora contribui também para o rompimento da dicotomia teoria/prática, também uma construção discursiva. Essa percepção fica bem nítida ao longo de todo o texto.